

**O corpo
na ponta
de lalingua**

Coleção TerramaR

Coordenadores

Nina Virginia de Araújo Leite (Unicamp)

J. Guillermo Milán-Ramos (Udelar/Uruguai – Outarte/Unicamp)

Conselho Editorial

Cláudia de Lemos (Unicamp)

Flavia Trocoli (UFRJ)

Viviane Veras (Unicamp)

Paulo Endo (USP)

Suely Aires
Conceição Azenha
Markus Lasch
Nina Leite
(organizadores)

**O corpo
na ponta
de língua**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

O corpo na ponta de língua / organizadores Suely Aires...[et al.]. – Campinas, SP : Mercado de Letras, 2023. – (Coleção TerraMar)

Vários autores.

Outros organizadores: Conceição Azenha, Markus Lasch, Nina Leite.

ISBN 978-85-7591-755-8

1. Corpo - Linguagem 2. Psicanálise 3. Psicanálise - Ensaios I. Aires, Suely.
II. Azenha, Conceição. III. Lasch, Markus IV. Leite, Nina. V. Série.

23-174362

CDD-150.195

Índices para catálogo sistemático:

1. Psicanálise : Ensaios 150.195

capa: Studio Rotta Design Gráfico

imagens: *Ranhura*, Bordado e tinta sobre tecido

Artista: Fernanda Leal

gerência editorial: Vande Rotta Gomide

preparação dos originais: Editora Mercado de Letras

revisão final dos autores

bibliotecária: Tábata Alves da Silva – CRB-8/9253

DIREITOS RESERVADOS PARA A LÍNGUA PORTUGUESA:

© MERCADO DE LETRAS®

VR GOMIDE ME

Rua João da Cruz e Souza, 53

Telefax: (19) 3241-7514 – CEP 13070-116

Campinas SP Brasil

www.mercado-de-letras.com.br

livros@mercado-de-letras.com.br

1ª edição

2 0 2 3

IMPRESSÃO DIGITAL

IMPRESSO NO BRASIL

Esta obra está protegida pela Lei 9610/98.
É proibida sua reprodução parcial ou total
sem a autorização prévia do Editor. O infrator
estará sujeito às penalidades previstas na Lei.

SUMÁRIO

Apresentação 7

Corpomemorar: corpolinguagem na ponta de lálingua

Da sombra e ecos. 15
Nina Leite

Corpo e lálingua: questão de movimento 27
Glória Carvalho

N'hominar-se em S(Á) 45
Angela Vorcaro

Re/existir a que será que se destina?
Restos diurnos e lálingua. 61
Conceição Azenha

Lálingua, ecos no corpo

A (não) todo instante (já) esvanecido 79
Fabiana Rodrigues Barbosa e Ivan Ramos Estevão

A pele retumba o tambor que estampa 97
Cláudia Aparecida de Oliveira Leite

Corpo, linguagem e lálingua na psicose:
o corpo como “referente” de lálingua? 109
Mariana Marques Moraes

“Nem todo pensamento que você pensa é seu”...
podem ser “apenas tritongos tristes e triviais” 125
Suely Aires

Escrever, Poetizar, Encenar

A ferida de Filoctetes 141
Markus Lasch

Se eles se calarem, as pedras gritarão 155
Priscila Matsunaga

A lembrança de infância,
a imagem-valise e a alemã de Cixous 167
Flavia Trocoli

Hélène Cixous e Jacques Derrida entre línguas,
corpos, sonho e criação literária. 189
Marcelle Pacheco Soares

A boca cega de lalíngua 205
Tainá Pinto

Petelecos na língua: eco, tempo, espaço

Lalíngua e língua do luto: *o eco da minha*
mãe, de Tamara Kamenszain 219
Danielle Magalhães

Rezar o poema entre letra e lalangue 235
Marcela Maria Azevedo

Os Ex-passos da clínica 247
Ricardo Pacheco

Sobre os autores. 261

A apresentação

Sueley Aires

Conceição Azenha

Markus Lasch

Nina Leite

Há mais de uma década, os encontros e jornadas que promovemos se debruçam sobre as articulações entre corpo e linguagem, explorando, pela via do neologismo *corpolingüagem*, as diferentes e complexas faces do imbricamento dessas duas materialidades. Ao nos determos nos efeitos desse percurso de trabalho, mantemos a insistência naquilo que do corpo se inscreve, escreve-se e não se deixa apreender. Encontra-se, por assim dizer, na ponta da língua.

O sintagma *corpo na ponta de língua* se apresenta como arranjo em desconcerto que propõe colocar em cena um terceiro elemento *entre* corpo e linguagem: gozo. Afinal, “(...) língua, qualquer elemento de língua, é, em relação ao gozo fálico, um talo, um talo de gozo. E é por isso que estende tão longe as suas raízes no corpo” (Lacan 1974). Lacan nos incita a situar esses elementos em um jogo em que a concepção de corpo se encontra modificada e implicada, em que língua se apresenta como língua misturada de gozo e equívocos, em que se implanta no corpo um som, uma marca, um efeito. Nessa direção, língua se faz presente como um mosaico em que o eco se transmite, mas pode ser esquecido: “l’echo de langue dans la langue”, nas palavras de Erik Porge (2015), cuja sonoridade se perde na tradução, fazendo-se, quem sabe, o eco/oco que pulsa na poesia.

Nesta coletânea, o leitor encontrará diferentes elaborações referentes à provocação de um *corpo na ponta de língua*: modos de escrever o que se diz e que escapa entre dentes, línguas e lábios, no equívoco entre corpo e linguagem, mas não sem gozo, entre palavras, ruídos e sons. Ou, talvez, maneiras de dar petelecos na língua, o que nos convida a falar e fazer falar o inconsciente, prática da letra em que nos arriscamos e perdemos.

É por meio do trabalho em torno do inconsciente e do que se esquece e rememora em um mesmo gesto que foram colocados em diálogo os textos da primeira parte dessa coletânea – “Corpomemorar: corpolingüagem na ponta de língua”. Como nos lembra Milner (2017, p. 87), “a decisão freudiana consiste em que o lugar onde permanece a matéria do esquecimento é também o lugar de sua causa. Da superposição desses dois lugares, o inconsciente é o nome” Decisão freudiana que inaugura um campo e um percurso, a ser refeito por cada um.

Em “Da sombra e ecos”, Nina Leite parte de um *lapsus calami* para interrogar a imissão de uma letra e a criação de um lapso de escrita, em um tempo que retroage. Em 2022 se produz a insistência da memória e do esquecimento; o retorno a 2002 refaz o movimento que, por meio de uma letra, implica a analista em sua interrogação sobre o estatuto do corpo por um viés específico: o gozo feminino, a função materna e o não-todo. O recurso à sombra permite, no argumento da autora, situar os ecos de um dizer e o enigma produzido pela presença da morte em vida e da vida, não sem a morte. “Corpo e língua: questão de movimento”, de autoria de Glória Carvalho, segue um caminho singular: destaca o caráter enigmático do corpo na teorização lacaniana, bem como aquele de língua para colocar no centro da cena o movimento. Nesse contexto, a autora propõe outro neologismo: *corpotalíngua* – não mais *corpolingüagem*, como grafado anteriormente – a fim de enfatizar que o significante se apresenta como pura diferença e que seus efeitos incidem sobre a teorização do sujeito e de língua. Nesse imbricar de termos, afirma, em um mesmo gesto, que “o sujeito lacaniano somente pode ser movimento de passagem (de um significante a outro)” e que o movimento de língua encontra-se espalhado e confinado ao corpo. Ou seja, articula tais conceitos a fim de discutir um outro movimento, aquele que se lê nos discursos, entre matemáticas. Entre movimento e passagem um texto se tece. Angela Vorcaro, em “N’hominar-se em S(\bar{A})”, refaz um dado percurso em torno do corpo em psicanálise para distinguir corpo libidinal e forma vital. Evitando efeitos dos substantivos *Körper* – corpo real, material e visível – e *Leib* – princípio

de vida –, destaca que o adjetivo *somatisch*, usado por Freud, permite inserir na elaboração metapsicológica o conceito de pulsão. Diferentes desdobramentos permitem seguir do corpo à pulsão e seus objetos para daí abordar lalíngua, a integral de equívocos persistentes na língua, como encontro da língua com o corpo. O texto de Conceição Azenha, “Re/existir a que será que se destina? Restos diurnos e lalíngua”, soma-se aos ensaios anteriores ao situar a escrita e a clínica em torno da discussão sobre a lalação, a fala e a linguagem. Retoma, então, certa história do Centro de Pesquisa Outrarte e o que da escrita insiste, em sua dificuldade de transmitir o intransmissível da experiência clínica. É uma aposta se relança a cada volta do texto: o inconsciente escreve, mas também lê e cantarola o que se inscreveu, como resto.

Um segundo eixo – “Lalíngua, ecos no corpo” – reúne quatro diferentes textos que fazem ecoar a clínica por vias distintas. Em “A (não) todo instante (já) esvanecido”, Fabiana Rodrigues Barbosa e Ivan Ramos Estevão partem de um fragmento clínico e, por meio de uma costura entre tempo e literatura, situam uma operação clínica que inscreve corpo e escrita. “A pele retumba o tambor que estampa”, de Cláudia Leite, produz desde seu título um ecoar no corpo através da repetição de um estampido: tum-tam-tam. O corpo é convocado à cena pelo que lalíngua faz ressoar, na pele e na cor. Uma incitação que nos leva a interrogar a psicanálise no laço social. Mariana Marques Moraes intitula seu trabalho “Corpo, linguagem e lalíngua na psicose: o corpo como “referente” de lalíngua?”. Uma pergunta que caminha entre dois eixos de análise; ou, melhor dito, entre dois operadores de escrita-leitura, a saber: “referente” e “performatividade”. Tomando o caso Alfredo Torre, desafia o leitor a supor em cada gesto performático a cifra que permite leitura e releitura, em movimento contínuo. É também em torno da psicose que se organiza o texto de Suely Aires, “Nem todo pensamento que você pensa é seu?... podem ser ‘apenas tritongos tristes e triviais’”. Partindo de duas frases escutadas na clínica com sujeitos psicóticos a autora discute os procedimentos de linguagem nas psicoses e o que daí pode vir a se fazer reconhecer como prática da letra.

Na terceira parte dessa coletânea – “Escrever, Poetizar, Encenar” – encontramos autores que recorrem à literatura e ao teatro para dizer de corpo e de lalíngua. Markus Lasch, em “A ferida de Filoctetes”, recorre à trágica vida do herói grego para colocar em cena tanto o gozo de lalíngua,

em sua dimensão política, quanto o corpo que se oferece ou é oferecido em sacrifício. As ressonâncias políticas dessa discussão permitem ao autor atualizar de forma radical o que de trágico se coloca na vivência humana. Em “Se eles se calarem, as pedras gritarão”, o leitor encontrará sob a elegante escrita de Priscila Matsunaga a presença do corpo por um viés muito específico, aquele que permite sustentar que a mudez diz algo sobre língua. É a voz ausente que parece presentificar, por outra via, um corpo na ponta de língua. Flavia Trocoli conduz o leitor pelo fio tênue da memória e da escrita em “A lembrança de infância, a imagem-valise e a lalémã de Cixous”. Transitando entre Sigmund Freud e Hélène Cixous, escreve em perda, traço e memória isso que se faz também tempo de rasura e leitura. A voz da mãe pode ser escutada nos fragmentos recortados de Cixous, assim como se ouve – e por vezes, se vê – as mulheres sob a pena de Freud, na escrita das lembranças. Em “Hélène Cixous e Jacques Derrida entre línguas, corpos, sonho e criação literária”, Marcelle Pacheco Soares dedica-se à leitura de Hélène Cixous em diálogo com Jacques Derrida: como um pequeno bicho da seda a autora se desloca entre fios e imagens para tecer seu argumento. Um fio se faz sonho, que, ao enlaçar-se a um segundo fio, a desconstrução, enreda gozo, linguagem e letra. Ao leitor, cabe seguir os fios de seda e se deixar surpreender pelo que se enuncia em termos de língua e criação literária. É ainda em torno de fios que são puxados e tecidos que se estrutura o último texto dessa seção: “A boca cega de língua”, de Tainá Pinto. A partir da morte e das questões colocadas, um sopro de vida se faz entre Clarice Lispector e Hélène Cixous, de boca em boca, para lançar uma provocação em torno do poema e de língua.

“Petelecos na língua: eco, tempo, espaço”, última parte desta coletânea, reúne três textos que ressoam. Danielle Magalhães, em “Língua e língua do luto: o eco da minha mãe, de Tamara Kamenszain”, toma os detritos de diferentes livros da autora argentina no que se produz de eco e equívocos entre verso e prosa. Nesse caminhar entre textos, relança com Freud o jogo do Fort-Da, e com Lacan, o fazer com língua. As ressonâncias conduzem o leitor, que segue, encantado. Marcela Maria Azevedo, em “Rezar o poema entre letra e lalangue”, dedica-se à leitura do poeta Max Martins, destacando o gesto de escrita infinita e o poema nunca concluído. Esse impossível do tempo ganha outros contornos por meio da operação de redução do universal ao singular, que a inscrição da letra propõe, mas que aqui se faz em gesto, na reza. Rezar é endereçar o poema inaudito que

habita o próprio corpo, um lalanguear. Por fim, Ricardo Pacheco em “Os Ex-passos da clínica”, transita entre cidades e tempos para escrever e reescrever o impossível de transmitir, mas que ainda insiste e persevera em sua dimensão ética, palavra em dobra que implica arte: Outrarte.

Findo o percurso entre textos que compõem a coletânea, convidamos o leitor a segui-los em saltos ou linha a linha, como lhe aprouver o jogo da amarelinha. Às autoras e autores, tendo aceito o convite a falar e fazer falar o inconsciente, resta o risco da prática da letra e do jogo de equívocos. “No jogo do amor tu te perdes”, dirá Lacan em sua homenagem a Marguerite Duras (1965[2001]). Que cada um encontre um caminho no jogo de amor entre o que foi escrito, aquilo que se lê e o que se traça e resta, em movimento.

Referências:

- LACAN, Jacques (1973-1974). *Les Non-Dupes Errent*. Seminário inédito. Disponível em <https://ecole-lacanianne.net/bibliolacan/stenotypies-version-j-l-et-non-j-l/>.
- MILNER, Jean-Claude (2017). “O material do esquecimento”, *in: Usos do esquecimento: conferências proferidas no colóquio de Royaumont*. Tradução Eduardo Alves Rodrigues, Renata Chrystina Bianchi de Barros. Campinas: Editora da Unicamp.
- PORGE, Érik (2015). “L’implantation du significatif dans le corps. *Le Schizo et les langues* de Louis Wolfson”, *in: Savoir-faire avec lalangué*. Campinas: Mercado de Letras.